

**ARTE DE VIVER E CUIDADO DE SI:
O MEU ENSAIO EXISTENCIAL ENREDADO ENTRE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E MAGIA**

*Tiago Brentam Perencini**

RESUMO: Dedico-me no presente texto a responder à provocação recebida pelo Dossiê *Aprender - Como o autor ou corrente filosófica que estudo me ajuda a viver? Quanto eles me formam para a vida?* Narro o meu percurso formativo desde os seguintes pontos de emergência, conectados por diferentes ciclos, onde procurei aliar o estudo filosófico aos acontecimentos existenciais que me acometiam: a) o encontro com o ensino de filosofia desde a formação universitária e seus desdobramentos para a pesquisa na pós-graduação; b) minhas experimentações fora da universidade, que fecundam desde o envolvimento com teatro e a palhaçaria, até a vivência com a educação popular e a *ayahuasca*. Tal enredo abre em mim um portal de convivência com saberes, práticas e modos de vida desde a magia, que foram fundamentais para a escrita de minha pesquisa de Doutorado e trazem desdobramentos enquanto formador no campo da Saúde, função que ocupo atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Arte de viver; Cuidado de si; Filosofia como Modo de vida; Magia.

**ART OF LIVING AND SELFCARE:
MY EXISTENTIAL ESSAY TANGLED BETWEEN EDUCATION, PHILOSOPHY AND MAGIC**

ABSTRACT: In this text, I dedicate myself to responding to the provocation received by the *Aprender* Dossier - *How does the author or philosophical current that I study helps me to live? How much do they form me for life?* I narrate my formative path from the following points of emergence, connected by different cycles, where I tried to combine the philosophical study with the existential events that affected me: a) the encounter with the teaching of philosophy since university training and its consequences for research in graduate studies; b) my experiments outside the university, which fertilized everything, from my involvement with theater and clowns to my experience with popular education and *ayahuasca*. This narrative opens in me a portal of coexistence with knowledge, practices, and ways of life from magic that were fundamental for the writing of my doctorate degree research and bring unfolding aspects as a trainer in the field of Health, a role I currently occupy.

KEYWORDS: Education, Art of living; Selfcare; Philosophy as Way of Life, Magic.

* Doutor em Filosofia da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Marília-SP. Docente do Centro Universitário de Santa Fé do Sul (UNIFUNEC). Contato: tiagobrentam@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7742-4387>

A arte de viver no percurso formativo em Filosofia

Em geral, os textos que me convocam à escrita são talhados em minha própria existência. Existe certa coextensividade do cuidado de si à arte de viver – ou arte da existência (*tékne tou bíou*) –, que, por sua vez, virá a se tornar também a definição fundamental da filosofia segundo Foucault (2010). Ele toma a função originária da filosofia pelo *dom* do cuidado de si. A filosofia, em particular, nutre o dom do cuidado de si, como sugere Foucault em sua *História da sexualidade 3, o cuidado de si*: O cuidado de si é “um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objetivo de toda a nossa aplicação” (1985, p. 53). Tal dom não é recomendado para aqueles que escolhem viver em uma escola filosófica, mas é “um princípio válido para todos, todo o tempo e durante toda a vida” (FOUCAULT, 1985, p. 53), constituindo assim uma regra necessária para todos os homens e não apenas aos iniciados: ocupem-se de si mesmos.

O cuidado de si torna-se integrado à vida vivida filosoficamente, onde viver bem é estabelecer uma relação de ocupação consigo. Foi nesse sentido que recebi as provocações feitas pelos editores do dossiê *Aprender – Como o autor ou corrente filosófica que estudo me ajuda a viver? Quanto eles me formam para a vida?* – como oportunidade real para exercitar e narrar o meu percurso formativo, supostamente atrelado pela busca da filosofia como modo existencial, mesmo na Universidade.

Desde o início do curso de sua graduação em Filosofia pela Unesp de Marília desconfiei da redução do campo filosófico à certa “arte de pensar”. Embora o pensamento possa ser múltiplo, definido por diferentes matizes, o ingresso em meu percurso acadêmico já mostrava que o ensino da filosofia e a pedagogia resumiam-se à formas de instrução e transmissão do saber, mera análise de e sobre o discurso dos filósofos no passado, discurso formalizado, especializado e descolado da vida do pesquisador, que ambienta a comunidade universitária na atualidade (PAGNI, 2016), o que esvazia também a possibilidade contemporânea do filosofar a um modo estritamente técnico de dizer a verdade.

Tarefa bem diferente parece ter ocorrido em meu percurso formativo enquanto graduando em filosofia, mestre e doutor em filosofia da educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Marília-SP. Procurei resgatar uma formatação da pesquisa acadêmica que não se esconda na separação entre sujeito-objeto ou experiência-resultado, mas que pudesse se ensaiar nos próprios deslocamentos possibilitados pelos acontecimentos existenciais que me acometiam. Esta prática de pesquisa implicou, para além da tese a ser defendida em uma banca, uma postura ética e existencial que se alinhou com aquilo que permite e orienta a minha transformação enquanto ser vivo no tempo presente.

Produzi uma *Arqueologia do ensino de filosofia no Brasil* resgatando a formação discursiva da produção acadêmica no país entre os anos de 1930 a 1968 durante a minha formação – bacharelado e licenciatura – e pesquisas em Filosofia (PERENCINI; GELAMO, 2011, 2013) e Mestrado em Educação

(PERENCINI, 2015, 2017¹). O contraste entre uma possibilidade filosófica no resgate arqueológico da formação discursiva nos anos emergentes da Universidade brasileira (MAUGUÉ, 1955) e a minha formação em Filosofia na contemporaneidade trouxe-me a constatação de que a institucionalização da Filosofia no país parece ter reduzido o exercício filosófico à mera formação técnica, calcada em um tipo de transmissão da história da filosofia e, particularmente, em certa especificidade de leitura e escrita de textos.

A filosofia acadêmica privilegiou a pesquisa aos moldes técnicos-europeus (ARANTES, 1994) para a formação do bacharel, o que reduziu as práticas de formação do professor em Filosofia no Brasil à matriz institucional, onde se discute a legalização e formatação da profissão de professor na educação média e pedagógica, restrita ao debate sobre o ensino de filosofia, que por sua vez também se restringe à discussão acerca da importância, do conteúdo e do método para sua transmissão enquanto disciplina em uma instituição escolar (GELAMO, 2009; PERENCINI; GELAMO, 2011, 2013; PERENCINI, 2015).

Nessa concepção, a formação filosófica não poderia ser outra a não ser o trabalho de investigação, julgamento, ordenação, justificação, seleção e esclarecimento das teorias, conceitos, argumentos e conhecimentos legados pelos autores e problemas na pretensão da sua validade normativa, que toma por centralidade o trato metodológico e rigoroso no texto produzido pelo filósofo consagrado por essa mesma tradição (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014). A formação do professor ocorre na extensão do aprendizado desse aparato técnico, que toma a filosofia como um conhecimento a ser reproduzido através da sua história e pode ser transmitido oralmente para o estudante de nível médio, de maneira a formatá-lo como um cidadão crítico e consciente para o mercado de trabalho.

Muito diferente disso, foi certa formação *transversal* vivenciada dentro da universidade e do curso de filosofia – trajetória que compreende desde a abertura para o estudo e a pesquisa de autores marginalizados à formação clássica brasileira quando migrei para o ENFILO e GEPEF², passando pela experiência docente em lugares heterogêneos e na própria rede pública de ensino, até a minha vida *fora* da Universidade – que me encaminhou para outra compreensão sobre os saberes, as práticas e, sobretudo, a relação comigo mesmo. Tais andanças possibilitaram-me *maneiras outras* de viver a filosofia, mais direcionadas a um tipo de terapêutica que estivesse atrelada à minha abertura existencial, espiritual, ética, política e estética. Durante a presente trajetória, emergiu-me a intuição de que a prática filosófica se compõe de um campo ético, afetivo e subjetivo que transcende o próprio ensino e a instituição, mas que

¹ Essa pesquisa materializou-se no livro *Uma arqueologia do ensino de filosofia no Brasil: Formação discursiva na produção acadêmica de 1930 a 1968* (PERENCINI, 2017). O livro pode ser acessado a partir do seguinte link: http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=614.

² O *Enfilo* foi um subgrupo de estudos vinculado ao GEPEF, Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Filosofia, coordenado por Pedro Angelo Pagni e Divino José da Silva, em que ingressei em 2010 e permaneço até hoje. Coordenavam o Enfilo, à época, os docentes Rodrigo Pelloso Gelamo e Vandéi Pinto da Silva e visávamos estudar o ensino de filosofia como uma problemática filosófica. Para mim foi um grande espaço de amadurecimento enquanto estudante e pesquisador.

é pouco ou nada trabalhado nas práticas universitárias de formação, justamente porque excede o próprio discurso acadêmico.

Após o término de meu Mestrado, iniciei – quase que fortuitamente – o processo de me enxergar como *arquivo vivo*, que era em parte fisgado e em parte se evadia da captura discursiva acadêmica. O ano de 2015, datado pela minha defesa de dissertação de mestrado e preparação para o doutoramento, foi uma data sincrônica ao meu processo de abertura para outras formas de caminhar pela Universidade. Nesse ciclo, iniciei a minha trajetória como docente de Filosofia Contemporânea em uma Faculdade Católica, vinculada a um Seminário para a formação de sacerdotes e, sobretudo, entrelacei-me por veredas não institucionais, como o teatro, a palhaçaria e a educação popular. Tal envolvimento culminou em meu desabrochar para o campo da espiritualidade.

Não sei ao certo por qual motivo, mas é justamente nos momentos de maiores transições e incertezas em nossas vidas que procuramos pelo resgate da nossa *criança* interior, com sua alegria, força singela e inteireza na simplicidade. Encontrei muito de mim quando me propus a resgatar a minha infância dentro de um grupo *marginal* de teatro. A ideia de “marginal” figura aqui como uma experiência que se opõe aquilo que é central, instituído ou formal. Não há especialistas dentro dos grupos marginais, mas apenas pessoas dispostas a se experimentarem de alguma maneira. Essa minha atuação no teatro foi fundamental porque convivi com pessoas muito diferentes das que o meio acadêmico tinha me propiciado conhecer até então e pude aprender muito com elas, desde outras perspectivas. Iniciei com essa *zona de experimentação* a percepção de que a arte traz um alcance formativo latente que é pouco ou nada pensado desde a filosofia acadêmica.

Sincronicamente ao teatro, iniciei a minha experimentação no universo da *palhaçaria*. Logo após o término de meu mestrado conheci os *Curadores do riso*³, uma organização sem fins lucrativos, que tem por objetivo repensar o campo de cuidados em geral, propondo uma grande brincadeira com a comunidade a partir da arte *clownesca*. Os *curadores* desenvolviam na Unesp de Marília um curso de formação para palhaços com vistas à atuação voluntária em hospitais e foi lá que me iniciei nesse espaço. Os integrantes da formação eram estudantes universitários de diferentes cursos do campus, sobretudo da área da saúde.

Dado o propósito de ingresso dos voluntários em hospital, a formação não era composta apenas por exercícios teatrais, mas envolvia também o estudo de temas, autores e obras de referência dentro do universo do teatro e palhaçaria, bem como por temas centrais em saúde, tais como a humanização em saúde, composição e estrutura do Sistema Único de Saúde (SUS), etc. Essa iniciação aproximou-me da

³ Os fundadores do projeto são Matheus M. Garcia e Natasha O. Silva, ambos psicólogos, a quem agradeço por todo o aprendizado propiciado. A página dos Curadores é esta: <http://curadoresdoriso.wixsite.com/site>.

experiência de *cuidado*, discurso comum envolvendo as áreas de Educação e de Saúde, que posteriormente encontraria em Michel Foucault o aprofundamento filosófico do conceito como prática de vida.

Após cerca de um ano decorrido desde minha experimentação com o teatro e com a palhaçaria, entendi que a minha motivação no campo artístico não era propriamente atuar nos palcos ou em hospitais, mas sim gestar filosoficamente possibilidades inauditas que a minha graduação excessivamente técnica e erudita sequer mencionou: pensar filosoficamente desde os gestos, a imaginação, o corpo e as práticas de cuidado.

Experiências em Educação: popular, formal e vegetal

Um terceiro acontecimento ocorrido após o término de meu mestrado acadêmico foi o encontro com a Educação Popular. Após me iniciar na participação de atividades transversais como oficinas, rodas de conversa e vivências em espaços não formais propiciados pelo FREPOP (Fórum de Educação Popular)⁴, pude aproximar-me de outra compreensão acerca de educação, mais vinculada a certa prática de saberes ancestrais, espirituais e artísticos não visíveis em minha formação acadêmica.

Aprendi com essas vivências transversais à minha formação universitária um tipo de relação não propriamente teórica com a vida, porém mais engajada no contato entre as pessoas, sem os lugares tradicionais requeridos desde a instituição. Em uma vivência em educação popular pouco nos lançamos desde as hierarquias que regem “estudante” e “professor”, mas aprendemos como seres partilhantes de um mesmo espaço e tempo: seres que erram, que acertam, que partilham erros e acertos; que vivem juntos em um espaço comum. Além disso, a educação popular propiciou-me um tipo de relação com o saber que ocorre desde práticas como o encantamento pelas preces ou o preparo de unguentos.

Nessa direção, a educação popular convidou-me a conhecer o universo das terapias integrativas, que se tecem pelo cuidado do corpo para além de seu aspecto visível, em práticas de energização e equilíbrio de chakras. Durante os anos de 2017 e 2018 integrei a AMATIN (Associação Mariliense de Terapeutas Integrativos) e pude fazer cursos de iniciação em *reiki* e outras práticas integrativas com certificação junto a essa Associação⁵.

⁴ Conheci o Frepop, importante encontro de Educadores Populares, na companhia de Antonio Folquito Verona, professor aposentado da Unesp de Assis e coordenador das atividades da Universidade Popular Livre de Lins (UNIPOL), hoje um querido educador popular e terapeuta que trago como espírito amigo de caminhada. O meu encontro com Folquito ocorreu no início de 2015 e já nesse ano organizamos a Ciranda Internacional Frepop, na cidade de Marília-SP, como uma atividade de preparação da região sudeste para um encontro maior do Frepop, ocorrido em Recife-PE, no ano de 2016, evento que não pude estar presente. Maiores informações sobre a Ciranda Internacional ocorrida em Marília encontram-se no site do FREPOP: <http://frepop.org.br/agenda/ciranda-internacional-frepop-marilia-sp/>.

⁵ No momento, a AMATIN mantém uma parceria vigorosa com a Unesp e oferece práticas integrativas em educação e saúde – por ordem alfabética: aromaterapia, auriculoterapia, danças circulares, meditação, moduladores frequenciais em terapia

Toda essa experimentação fora da formação acadêmica tradicional transformou consideravelmente a minha postura de vida e isso contribuiu em grande medida para a desconstrução de minha prática docente. Atuei como docente em nível universitário por cerca de dois anos, quando tive de abdicar dessa função em uma instituição privada para poder dedicar-me integralmente ao meu doutoramento na condição de Bolsista Capes. Esse encadeamento permitiu-me o vínculo como professor efetivo de filosofia na rede pública do Estado de São Paulo, tarefa que realizei concomitantemente ao doutoramento durante o ano de 2017, na E. E. Dona Vitu Giorgi, que se localiza em uma cidade chamada Oriente, próxima a Marília.

A minha função como docente universitário teve início de um modo oportunamente curioso: eu fora um jovem professor de 25 anos, cético, lecionando a disciplina de Filosofia Contemporânea em uma Faculdade Católica vinculada a um Seminário para a Formação de Sacerdotes. A minha convivência com estudantes religiosos iniciou em mim um inesperado processo de *atenção* filosófica para a espiritualidade. Até então, conservava certa repulsa às religiões de modo geral e ao cristianismo em particular, devido à forte presença da moral cristã em minha infância e adolescência. Já em minha formação universitária, os discursos ateus ganharam uma roupagem teórica que justificavam a minha ausência de fé e eu me orgulhava por ser um universitário de ciências humanas esclarecido defronte à *massa* religiosa que se deixava manobrar ideologicamente como rebanho pelos seus dirigentes. A temática da espiritualidade, porém, iniciou-se em mim na convivência afetiva com aqueles estudantes.

Esse desabrochar para a espiritualidade é a quarta motivação existencial que me leva a escrever a tese de Doutorado. Simbólica e indiretamente, foi através de Michel Foucault que um importante acontecimento a mim chegou, ao final de 2015. Encontrei, de passagem pela Universidade, um pesquisador fundamental em minha trajetória acadêmica, hoje um grande amigo. Eu já sabia de modo indireto que ele fazia o uso de um misterioso chá indígena. Após perceber uma transformação considerável em sua maneira de compreender a dinâmica da vida, perguntei para ele como ocorriam as imersões envolvendo essa bebida e ele me fez o convite para beber o misterioso chá.

Lembro, porém, que a maior provocação recebida por mim naquele momento foram as seguintes palavras ditas por ele: “O chá te possibilitará uma experiência prática de *cuidado de si*”, remetendo-se ao pensamento de Michel Foucault, algo que, inevitavelmente, já vinha trilhando teoricamente como estudante, docente e pesquisador. Foi como se sentisse um arrepio acompanhado da percepção de que tinha chegado o momento de me enfrentar em uma experiência que eu não sabia para onde me levaria.

quântica, meditação, reiki, tai chi chuan e yoga— à comunidade unespiana e à população mariliense. Considero essa abertura de campo em uma instituição formalizada como a Universidade de suma importância para se conferir visibilidade a outras formas terapêuticas de se relacionar com a educação, a saúde e o corpo.

Foucault aparece como um personagem-chave quando evocamos a experimentação psicotrópica. É de se tomar nota que ele era um adepto integral de ampliadores de consciência com finalidade de experimentação filosófica em geral. O próprio Agamben alerta-nos que:

No momento da primeira e decisiva estadia na Califórnia, Simeon Wade, jovem estudioso que havia acompanhado o filósofo em memorial excursão ao Death Valley, registrara cuidadosamente, em um caderno manuscrito, suas reações durante uma experiência com o ácido lisérgico, como se elas fossem, para a compreensão do pensamento de Foucault, tão preciosas e importantes quanto suas obras (2017, p. 120, itálico do autor).

Merece destaque que, para Foucault, as experiências com o ácido lisérgico são tão preciosas e importantes quanto as suas obras. A experimentação lisérgica, o sadomasoquismo, seus cursos e livros parecem fazer parte do anseio pela busca de fazer da vida uma *arte de existência*, isto é, ocupar-se com um manancial de práticas por meio dos quais os homens procuram e podem se modificar.

Aproximar-me de um “Foucault psicotrópico” abre a fenda pelo “interesse por aspectos da existência que costumeiramente não são considerados pertinentes para a compreensão do pensamento de um autor” (AGAMBEN, 2017, p. 121). Relata Paul Veyne, amigo íntimo de Foucault, que a sua grande paixão durante seus anos de jovem estudante de liceu “não havia sido sua iniciação à homossexualidade, mas devorar todas as drogas de seu pai cirurgião que pudesse encontrar, a fim de constatar o quanto elas modificavam o pensamento e que havia vários pensamentos possíveis” (2011, p. 246), ou seja, “o pensamento de um peixe, as drogas, a droga, a loucura, tudo isso provava que nossa maneira normal de pensar não era a única possível. Assim se iniciavam as vocações filosóficas” (2011, p. 246)⁶.

Posta a interlocução entre eu e Michel Foucault pela fenda do cuidado de si, aceitei o convite para experimentar a beberagem da *ayahuasca*. A palavra *ayahuasca* vem da família da língua andina *quéchua* e suas raízes remontam a *aya*, “morto, defunto, espírito” e *waska*, “cipó, corda, vinha”, etc. As suas traduções são diversificadas, tais como “cipó do morto”, “cipó do espírito”, “vinho das almas”, “bebida adivinhatória”. A bebida também ficou conhecida no Brasil pelos nomes de *yagé*, *daime*, *hoasca*, *vegetal*, *cipó*. Sua preparação efetiva-se após longa decocção entre o cipó *Banisteriopsis caapi* e as folhas da rubiácea nomeada *Psychotria viridis*.

A junção entre o cipó e as folhas em água durante uma complexa composição libera o princípio ativo chamado DMT (Dimetiltriptamina), que é conhecido por “molécula do espírito”⁷. Esta molécula é assim chamada porque é uma substância *endógena*, isto é, sintetizada não por qualquer agente externo, mas

⁶ Conferir também Lindon (2014). Ora, esta tese procura e convoca outras formas de pensamento possíveis no presente.

⁷ É conhecido o documentário nomeado *DMT*, a Molécula do Espírito:
<https://www.youtube.com/watch?v=OJWfTahD1PU>.

encontrada internamente em grande parte dos organismos vivos (desde mamíferos a plantas). No ser humano, faz-se presente em pequenas doses no cérebro e especula-se que a glândula pineal seja a sua produtora (LUZ, 2015; MCKenna, 1995a, 1995b, 2012).

O que permanece um mistério para a ciência humana é que essa substância é liberada em grande medida pelo próprio organismo (endógena) exclusivamente em dois momentos vitais: no momento de seu nascimento e de sua morte. Dentro da simbologia espiritual, podemos estender a interpretação de ambos os momentos como a passagem do espírito à matéria em seu primeiro sopro neste plano tridimensional (nascimento) e, conseqüentemente, ao retorno da matéria ao espírito quando do seu transporte (morte) no segundo momento de liberação do DMT (NARBY, 2018).

Vale a nota de que a *ayahuasca* tem sido comumente chamada de “planta professora”, por meio da qual é possível obter conhecimentos que nos possibilitam matizar a dissolução das fronteiras entre homem/animal e entre natureza/cultura na qual a nossa modernidade pedagógica nos emoldurou. A beberagem do chá permite o acesso a informações da consciência que nos estimulam a outras maneiras de pensar e de conhecer o real (ALBUQUERQUE, 2014). Refiro-me a formas de resgate de memórias, do afloramento da sensibilidade e da intuição ou ainda da comunicação não verbal com outras consciências, como animais ou plantas.

Dirigi-me à “planta professora” não com a finalidade de seu aprofundamento epistemológico, uma vez que ela não se configura como objeto de investigação em minha tese, mas sim para tornar visível tal *acontecimento* em minha trajetória formativa para além da vida acadêmica, que me despertara para questões filosóficas, existenciais e espirituais até então inauditas em minha trajetória teórica de pesquisa e de vida dentro da Universidade.

Abertura para a magia como potência filosófica

Essa guinada espiritual possibilitou-me o *esbarrão* com a magia. Para o senso comum universitário e os saberes científicos escolares formais, a magia não passa de uma crendice, geralmente reduzida a simpatias e superstições. Ao contrário dessa visão, a minha vivência na companhia desses saberes mostrou-me ser um caminho que extrapola o campo das simpatias, com íntima relação a zonas desconhecidas da existência e com as quais a filosofia antiga relacionava-se em grande medida.

Em uma vivência com a *ayahuasca* recebi o *signal* de que eu me iniciaria na aventura das descobertas simbólicas, algo que pouco entendi naquele momento. À época, enfrentava um período muito desafiador em minha vida devido a uma desventura amorosa que se desenrolara poucos meses antes; eis que senti o chamado para uma consulta com o *tarot*. A força de um *chamado* é algo que pouco se explica por vias

meramente intelectuais, pois é como se certa voz intuitiva nos deslocasse para algum lugar desconhecido, face às incertezas da vida. Como já me adentrara ao universo da espiritualidade e da educação popular, encontrava-me também aberto a formas heterodoxas de saberes, mas como leigo no campo da tarologia, eu supunha a ideia superficial do *tarot* como mero jogo de cartas onde se faziam apostas e previsões adivinhatórias sobre o futuro.

Para minha perturbadora surpresa, o contato que estabeleci com esta forma de saber foi muito profundo. O espanto se deu, primeiramente, porque durante o atendimento com o *tarot* me foram transmitidas mensagens sincronicamente paralelas às que a *força* da *ayahuasca* me trouxera. Segundo e principalmente, porque tais mensagens resvalavam sobre acontecimentos íntimos de meu passado sem que eu revelasse nada de minha trajetória existencial à taróloga. Essa intimidade de meu passado relacionava-se com muita clareza ao que eu vivia no presente e também a sonhos que germinavam em meu ser.

Enquanto filósofo de formação, ser naturalmente curioso e investigativo, gestou-se em mim uma guinada existencial para compreender mais a *força* dessas formas de saberes e práticas oriundas do universo da magia. A experiência que me trouxera o *tarot* foi a de que as cartas exercitaram a potência de ler elementos profundos que trouxera em meu inconsciente e isso precisava ser melhor investigado filosoficamente, pois instrumentos como esse também poderiam ser utilizados pela educação filosófica.

Após esse primeiro contato com o *tarot*, entremeando à minha rotina de trabalho como doutorando e professor efetivo de Filosofia da rede pública do Estado de São Paulo, iniciei estudos autodidatas sobre tarologia e, em curto período de tempo, também sobre astrologia. Quanto mais me aprofundava nessa prática, mais percebia outras formas de me relacionar com o real, que a minha formação acadêmica em filosofia, além de sequer imaginar, tornara objeto de riso e preconceito.

Um dos maiores enigmas despertados pela magia ocorreu com a investigação que fiz sobre a minha *carta natal* – convencionalmente nomeada por *mapa astral* atualmente. Uma carta natal é a cartografia formada pelos astros no exato momento do nascimento de cada ser. Impressionou-me como as informações trazidas por esse estudo ressoavam a características e nuances que me eram próprias. Parecia haver certa *assinatura astral*, possível de ser investigada desde a sincronicidade de meu nascimento, que descrevia muito sobre os caminhos pelos quais trilhara até então, o que me despertou a usar a forma de saber astrológica como uma bússola existencial que me acompanhava e alertava sobre os ciclos de aprendizados que me deslocavam.

Após alguns meses de estudo e prática de magia desde esses saberes narrados acima, as primeiras pessoas começaram a me procurar para a partilha desse aprendizado. Embora tivesse pouca experiência, entendi desde o início que tais ferramentas deveriam ser utilizadas de modo filosófico, como

possibilidades de transformação espiritual daqueles que me procuravam, e não propriamente como predições e adivinhações sobre o futuro. Comecei a desenvolver certa forma filosófica de investigar e praticar esses saberes e cada vez mais a magia se aliava à filosofia, tornando-se partes integrantes de meu ser.

Tal acontecimento modificou o rumo de minha vida e pesquisa acadêmica. Já não conseguia me pensar apenas como um professor de filosofia, ou pesquisador em filosofia e educação. A figura de um praticante de magia à luz da filosofia começara a fazer parte daquilo que estava me tornando. A dedicação a esse universo tornou-se uma forma de vida para mim e me fez tomar a atitude de exonerar o meu cargo como professor efetivo de filosofia na rede pública do Estado de São Paulo para conciliar a minha pesquisa acadêmica ao estudo e a prática da magia.

Passados mais de cinco anos desse movimento, tal caminhada possibilitou-me redimensionar por completo a maneira como me relacionava com o acaso em minha vida, sem com isso acreditar em um destino à maneira de um determinismo que possa reger os usos dos corpos. Cada investigação de mapa e abertura de tarot orienta-me a pensar que as formas de aprendizados pelos quais os acontecimentos de nossa trajetória nos deslocam pertencem a forças e potências que pouco conseguimos acessar por categorias racionais e por isso encontramos tanto desafio em explicá-las por nossas formas humanas e institucionais de entendimento.

Para citar apenas um exemplo *extraordinário* do que a prática cotidiana com a magia pôde me conferir, o ordenamento das pessoas que me procuraram nesse tempo de atendimentos ocorreu de maneira sincrônica a aprendizados e acontecimentos os quais também me acometiam. Uma vez que lia a carta natal e o *tarot* para alguém, estabelecia, indiretamente, um contato também comigo. Tais orientações *astrais* me têm permitido maior atenção pelas veredas de minha caminhada, mas necessitam de olhos e ouvidos atentos para serem ouvidas, pois é no cotidiano que parece se encontrar o extraordinário da existência. O universo da espiritualidade incorre por caminhos que necessitam de coragem para serem investigados filosoficamente, sobretudo porque não há qualquer garantia e certeza que se possa esperar entre suas tramas e fios.

Campo problemático-Existencial: interface entre filosofia e magia

A prática aliada entre filosofia e magia tornou-se a penumbra de minha caminhada de pesquisa. Essa trilha existencial, amoldada ao meu percurso investigativo e formativo na Universidade, me faz pensar a filosofia de maneira profundamente diferente de uma disciplina a ser ensinada e aprendida desde o seu campo epistemológico e pedagógico, mas sim como um conjunto de exercícios éticos e existenciais que visam à autoformação e à transformação dos atores que a praticam na vida (PAGNI, 2016). Essa

visão da filosofia vai ao encontro da experiência de esgotamento de um tipo de olhar oferecido na formação acadêmica presenciada junto a minha geração, oportunidade que me fez habitar certa *zona limítrofe* à Universidade.

Por sincronicidade, comecei a encontrar nas leituras de autores como Michel Foucault, Giorgio Agamben, Gilles Deleuze, Walter Benjamin e outros, ressonâncias para pensar certa aliança entre filosofia e magia. Isso porque ambas se aproximam mais de uma atitude de exercitação e transformação de vida do que de uma teorização e conceituação discursiva, o que torna a definição de ambos os campos um grande desafio, que se amplia pela pluralidade de vertentes em contextos geográficos e históricos em que o seu pensamento foi produzido.

A aproximação maior e preliminar que tomarei sobre filosofia e magia é considerar ambas como duas formas específicas e vinculadas entre o uso e o cuidado de si. A especificidade da filosofia ocorre enquanto uma atitude que exige um profundo trabalho ético de si sobre si mesmo, uma prática cotidiana que cobra a autoformação e a transformação do sujeito ao entrar em contato consigo e todo o seu campo de relações com os outros e o mundo habitado. Esta maneira de compreensão tem encontrado ecos desde Michel Foucault, que em meu entendimento também abre uma espécie de portal alquímico para pensarmos a magia.

Em tempos de fanatismo religioso e irracional que hoje habita nossas estruturas de pensamento, será de fundamental importância especificar o que entendo por magia. Ela não é uma metáfora com o propósito de querer dizer *outra coisa*, mas sim o uso literal da imaginação como força criadora. A magia não opõe formas e forças, mas opera por intensidades, ritmos e vibrações em lugar de representações e significações e, por isso, ensina a pensar as forças nas formas; as vibrações *nas palavras e nas coisas*. Nesse sentido, a magia, assim como a vida, está em tudo, porque em tudo existem formas onde se encontram potências a serem despertadas, o que nos obriga a buscar por comunicações para além dos sentidos habituais, possível em termos de imaginação e criação.

Posto isso, caracterizo por magia um campo de experimentação entre forças e subjetividades que apontam para um modo de acesso à espiritualidade com potencial para a transformação de si. Considero por espiritualidade a integração entre corpo e alma em sua potência de insurgir-se, tornar-se outro diferente do que era, aproximando-me do que Michel Foucault caracterizou como a prática

[...] pela qual o homem é deslocado, transformado, transtornado, até a renúncia da sua própria individualidade, de sua própria posição de sujeito que lhe foi fixado por um poder político, poder religioso, um dogma, uma crença, uma hábito, uma estrutura social (2018, p. 21).

Como o autor francês fora o meu principal interlocutor de pesquisa, penso serem necessárias duas observações essenciais que nos unem ao eixo da espiritualidade: a espiritualidade, antes de ser uma

aspiração pessoal (FOUCAULT, 2018, p. 62), é uma experiência com a qual se esbarra e na qual não é mais possível seguir adiante sem tomar nota de suas consequências para a continuidade e transformação da existência. Assim parece ter ocorrido com o acontecimento da Revolução Iraniana em 1978 para o pensador francês, o que faz da espiritualidade em seus cursos posteriores uma ontologia política *ainda* sem cabimento (FREITAS, 2016). Algo parecido ocorreu comigo ao me deparar com a presença de forças e saberes da *magia*.

Além disso, nem eu nem Foucault temos tratado a espiritualidade como um novo profetismo que apregoa o *retorno ao sagrado* (FOUCAULT, 2018, p. 66), ao menos se considerarmos que *tudo é sagrado*, como tem feito Paul B. Preciado (2019, s/p). Ao contrário da sacralização iniciática da magia, entendo, como Foucault, que a potência espiritual opera principalmente por meios dos afetos, da atenção e das relações com o propósito da transformação de si pela intensificação da vida, mas diferentemente dele, que privilegiou em seu percurso a terminologia “espiritualidade” em detrimento de “magia”, entendo ser a magia o campo de acesso à espiritualidade que caminha paralelamente à filosofia, espécie de força imanente que a acompanha, embora tenha sido silenciada ou apropriada indevidamente no curso da história ocidental. A magia enredada ao modo como proponho deve estar acessível a *qualquer* e *todo* ente que dela vise o aprendizado.

Nesse sentido, a magia como a experimento aproxima-se de uma estilística de existência, mas não se pode reduzir ao campo meramente estético ou filosófico como tem sido compreendida pelo humano, pois ela se cria por intermédio de um trabalho de experimentações abertas ao imponderável e ao imprevisível de forças e potências atuantes aqui e agora. A magia não restringe o pensamento à mera representação simbólica, mas confere potência criadora ao símbolo desde a evocação de diferentes signos – como as palavras, a voz, o corpo, as pedras, os animais, os vegetais, as estrelas, etc. – e isso implica a ideia de que o humano, além de não ser o único ser pensante no mundo, tampouco é superior em grau de consciência. Na visibilidade mágica, seria o universo todo entremeado por *zonas (des)conhecidas* onde se pode aflorar o encantamento; por isso é que o seu campo de atuação é a penumbra entre consciência e inconsciente.

Seguindo essa direção, a magia é também uma arte das mudanças dos estados dos seres e das coisas com a finalidade de alterar a realidade posta na tentativa de se comunicar e criar mundos e subjetividades paralelas. Desse modo, por exemplo, as palavras não se restringem ao discurso, mas produzem certo magnetismo à maneira de produzir efeitos físicos, corporais, mudanças de estados de coisas. A magia não se atém apenas à busca da verdade como autoconhecimento e pode ser praticada desde uma miríade de possibilidades, como as preces e evocações, as danças, o sexo, as fermentações, preparos alquímicos, etc. desde que ativem um signo com a intenção de promover transformação naquilo que está vivo. Viso com isso criar teias afetivas e subjetivas entre zonas híbridas, mais precisamente no

potencial existente entre os campos da filosofia e da magia, para experimentar *outras* práticas de educação filosófica.

O pensamento mágico se insere mais diretamente na chave aberta pelo pós-estruturalismo e pela filosofia da diferença em sua crítica ao humanismo, procurando repensar o discurso filosófico por outras frentes. Primeiro, através de uma postura que desafia os postulados da ciência moderna, o que não implica recairmos em um pensamento anticientífico, mas nos obriga a escrever esgueirados para além das categorizações disciplinares nas quais fomos catequizados pelo discurso institucionalizado, que captura também a pesquisa acadêmica em filosofia. Dessa maneira, a alquimia, a profecia, a feitiçaria ou o xamanismo são práticas e saberes desqualificados e marginalizados pelo pensamento humanista e racionalista. Escrever em termos de magia é arriscar-se a se pensar por um campo *transdisciplinar* e isso faz com que o *uso* conceitual da magia empregado por mim neste ensaio venha se aproximar terminologicamente das práticas anteriormente citadas, uma vez que elas têm sido reativadas sistematicamente hoje com o propósito de pensar a espiritualidade como a prática de cuidado comum do mundo na forma de resistência à biopolítica e ao neoliberalismo.

A título de referência a algumas das propostas contemporâneas nas quais a minha proposta de leitura ecoa, cito o movimento *Reclaim* (“Reativação, Regeneração”) e as insurgências espirituais por comunidades como o *TIQQUN* e o *Comité Invisível*. Reativar não significa o gesto nostálgico de repetir saberes que figuraram no passado, mas sinaliza que eles trazem o potencial de criação sobre novas práticas situadas de produção e sensibilização do conhecimento, buscando recuperar e regenerar aquilo que foi separado de nós e envenenado. Esse movimento tem sido ancorado por uma gama heterodoxa de personagens, tais como a filósofa da ciência Isabelle Stengers (2015, 2017), a escritora anarquista e ativista neopagã Starwark (2018), a filósofa italiana Silvia Federici (2017), o teórico *queer* Paul B. Preciado (2018, 2019) ou ainda o filósofo moçambicano José Gil (2018). Tais vertentes encontram-se em plena construção e a sua pormenorização distancia-se do escopo do presente ensaio.

É preciso notar, não obstante, que o pensamento de Gilles Deleuze (RAMEY, 2016; FISHER & LEE, 2009) está amplamente presente nessa retomada acerca da magia se comparado ao de Michel Foucault. É claro que o projeto intelectual e filosófico de ambos os autores se relacionam, mas podem ser pensados independentemente e, em não raras vezes, são inteiramente distintos. Por outro lado, o próprio Deleuze faz uma leitura heterodoxa de Foucault e parece encontrar em sua guinada aos gregos um modo de subjetivação aproximado da magia⁸.

A temática parece ter sido pouco ou nada explorada no pensamento de Foucault e a minha contribuição neste ensaio vai na direção de apontar ao longo do percurso do pensador francês elementos

⁸ Após a morte de Foucault, Deleuze (2013, 2015) dedica-lhe os cursos de 1985 e 1986 e afirma que se trata do livro que gostaria de ter escrito com o amigo (DOSSE, 2010; EDWALD, 1988). Tais cursos cruzam o saber, o poder e a subjetivação.

de um *a priori* histórico emergente, especialmente recortando as noções de *daimon* e dos sonhos, inteiramente relacionadas à ética do cuidado de si, conceito que se estrutura no curso *A hermenêutica do sujeito*, de 1982, mas que já estava presente transversalmente em questões abordadas desde seus textos protoarqueológicos (MIOTTO, 2011).

Para além de uma mera epistemologia, a filosofia nos termos do cuidado de si aproxima-se mais de uma postura ética, estética e política que visa à transformação da própria existência pela presença atenta consigo, que ressoa com outras subjetividades e o mundo habitado. Nos termos colocados acima, a magia não entraria em disputa com a filosofia, mas seria a sua condição ontológica silenciada (AGAMBEN, 2017), capaz de expandir possibilidades de pensar a educação filosófica em outros termos.

Com Pagni (2016), procurei pensar a educação filosófica como a prática da filosofia intimamente vinculada a um modo de vida, um *ethos*, transversal ao currículo e à disciplina em particular. Esse deslocamento sente a filosofia principalmente como uma exercitação que se intimiza na autotransformação do modo de vida daqueles que a praticam, um *ethos*, uma desobediência à moral como prescrição de uma maneira de viver. Tal dimensão está atrelada tanto à disposição da política como atividade de resistência à tecnicização do ensino e da formação cultural na contemporaneidade, como de um processo poético-dramático calcado na experimentação e recriação de si na própria vida (PAGNI, 2016). Minhas vivências *dentro e fora* da educação formal são mobilizadas a fim de buscar maneiras de pensar que procurem mudar a vida, trazer a política e a arte para o exercício filosófico cotidiano, do contrário a filosofia só poderá naufragar (AGAMBEN, 2017, p. 17).

Embora essa maneira como tenho experimentado a filosofia não dispense a formação do sujeito pelas técnicas de aprendizado pela qual prima a pedagogia enquanto campo epistemológico de saber, ela flerta com a dimensão *psicagógica*, que compreende a importância das técnicas de trabalho da *psique* (alma) aliadas à autoformação e à transformação de si mesmo como processos íntimos a certa *zona desconhecida* que ambienta a subjetividade. Enquanto processo de subjetivação, a psicagogia entremeia-se com certa transformação alquímica que invade o sujeito e não tem por função dotá-lo de habilidades e competências, mas visa a criar condições para que o seu próprio modo de ser possa se deslocar defronte àquilo que era, arte de feitiçaria (DERRIDA, 2015, p. 73).

Após toda essa descrição articulada aos acontecimentos existenciais nos quais *esbarrei*, aliados à percepção do saturamento na produção discursiva por parte da tradição acadêmica dedicada a pensar atualmente o ensino de filosofia no país (GALLO, 2012), bem como a emergência de saberes e práticas da magia como processo de reencantamento da subjetividade enquanto possibilidade de resistência, foi possível enunciar a problemática de minha pesquisa de doutorado nos seguintes termos: *Como a relação entre filosofia e magia permite experimentarmos outra educação filosófica no tempo presente?* Como tal, o fio condutor dessa investigação foi a penumbra existente entre os campos da filosofia e da magia.

Se a biopolítica demonizou os saberes mágicos que unem corpo e alma, entendo que será necessário encontrar a história dessa emergência. Experimentei a hipótese de que tornar visível a ética do *cuidado de si* em sua dimensão arcaica – cronologia emergente da filosofia ocidental – permite uma integração ao campo da magia como possibilidade de ensaiar um tipo de educação filosófica que amplie o conjunto de técnicas de si para além do pensamento crítico e do humanismo como paradigma epistemológico e disciplinar em que fomos forma(ta)dos dentro da instituição educativa, especificamente a universitária, na contemporaneidade. Minha tarefa foi escavar a penumbra arcaica a fim de pensar seus elementos constitutivos, movimentando-os em nosso tempo presente.

O objetivo geral de meu Doutorado foi desenvolver usos aproximados entre magia e filosofia que permitam problematizar as práticas que vigoraram ao modo como ocorreu a minha formação desde a Universidade, exercício esse que me direciona a tomar Sócrates como um mestre *infame* do cuidado de si, personagem dobradiço entre dois paradigmas considerados dissonantes pela cronologia ocidental, mas que se integravam no limiar do mundo arcaico: a filosofia e a magia, a partir das quais procurei pensar o cuidado de si enredado a dois conceitos-chave que a ele se relacionam: o *daimon* e os sonhos. Uma pesquisa assim permite aproximar passado e presente na direção de expandir *outra* educação filosófica que venha conciliar a ontologia da alma à estilística da existência.

Trilhas percorridas no tempo presente

Como evoquei no início desse texto, a intuição convocada para escrever no presente dossiê “*Aprender - Como o autor ou corrente filosófica que estudo me ajuda a viver? Quanto eles me formam para a vida?*” ocorreu para mim desde a filosofia não como campo disciplinar e institucional, mas sim enquanto exercício ético, dos processos de emergência e transformações que decorrem no curso existencial daquele que escreve, pois nos limiares contemporâneos da filosofia da diferença uma escrita é – não poderia não o ser – também *escrita de si*, mo(vi)mento onde subjetividade e ex-posição se encontram. Pensando nisso, para além do experimento que certa compreensão acadêmica convoca, procurei cartografar nesse espaço focos de experiência que matizaram a minha caminhada enquanto pesquisador em filosofia da educação, paulatinamente deslocado para o campo de formação e educação em saúde, funções que ocupo atualmente.

Primeiro, consolidei-me enquanto Terapeuta Integrativo em Yoga. O Yoga tem se materializado para mim como uma filosofia prática de vida, que incita a pensar uma aula enquanto *alquimia de si* desde exercícios de respiração (*pranayamas*), posturas corporais (*asanas*), princípios filosóficos e espirituais calcados pelo chamado Oriente. Por se caracterizar como tradição milenar, existem uma senda de tradições yoguicas, ao qual não me vinculei, mas o tenho pensado *desde* a filosofia da diferença, enquanto possibilidade nômade.

Depois, docente dos cursos de Enfermagem e Medicina no Centro Universitário de Santa Fé do Sul-SP (UNIFUNEC), cidade onde nasci e onde atualmente resido. Na Instituição, sou responsável pela apresentação antropológica, filosófica e histórica da Medicina, bem como pela formação humanitária, local dedicado ao diálogo e debate sobre questões filosóficas para a formação em medicina, tais como: espiritualidade e religiosidades, drogadição médica, aborto, diferenças de gênero, inclusão e diferenças, cuidados paliativos, etc. Curiosamente, considero que tais questões de um modo ou de outro tangenciam a temática da(s formas de) vida.

O ingresso enquanto docente do curso de Medicina trouxe-me a pertinência de pensar a educação médica atrelada à formação humanitária em saúde. Recentemente, iniciamos um projeto que temos chamado CUIDAR-TE, que se dedica à assistência psicopedagógica, aos cuidados integrativos e à saúde mental voltada para o estudante de medicina. Tenho pensado tais questões desde a Filosofia da Diferença e procedimentos analíticos clínicos como a esquizoanálise e o esquizodrama. Trato de pensar a educação médica desde o ponto de vista da formação e da transformação da subjetividade, que convoca a experiência como possibilidade de invenção de outros modos de vida porvir, ampliando o discurso médico sobre a ideia de cuidado, como algo que excede à fala técnica e especializada do profissional em saúde. Eis o percurso existencial que tenho trilhado até aqui, em face de como os autores e correntes filosóficas com os quais esbarrei tem me auxiliado a viver, bem como potencializaram a minha formação para à vida.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **Uso dos corpos**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ALBUQUERQUE, M. B. Epistemologia da Ayahuasca e a dissolução das fronteiras natureza/cultura da ciência moderna. **Fragmentos de Cultura**, v. 24, n. 2, p. 179-193, abr./jun. 2014.
- ARANTES, P. E. **Um departamento francês de ultramar**: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana. (uma experiência dos anos 60). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DELEUZE, G. **La subjetivación**: curso sobre Foucault III. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.
- DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- DOSSE, F. **Gilles Deleuze & Félix Guattari**: biografia cruzada. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.
- EDWALD, F. **Magazine Littéraire**, n. 257, set. 1988.
- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FISHER, M.; LEE, M. **Deleuze y la brujería**. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2009.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981- 1982). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. **O enigma da revolta**. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana, São Paulo: n-1 edições, 2018.
- FREITAS, A. S. de Os perigos de uma ontologia política *ainda* sem cabimento ou o legado ético-espiritual de Michel Foucault, In: REZENDE, H. (ORG.), **Michel Foucault**: Política, pensamento e ação. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- GALLO, S. Governamentalidade democrática e ensino de filosofia no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n. 145, p. 48-65, jan. /abr. 2012.
- GELAMO, R. P. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade**: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia? [online]. São Paulo: Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009
- GIL, J. **Caos e ritmo**. Lisboa: Relógio D'Água, 2018.
- LINDON, M. **O que amar quer dizer**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- LUZ, P. **Carta psiconáutica**. Rio de Janeiro: Dantes, 2015.
- MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

- MAUGUÉ, J. O ensino da filosofia e suas diretrizes. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 7, n. 27-28, p. 29-30, 1955.
- MCKENNA, T. K. **O retorno à cultura arcaica**. Rio de Janeiro: Record, 1995a.
- MCKENNA, T. K. **O alimento dos deuses**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1995b.
- MCKENNA, T. K. **La nueva consciencia psicodelica**: de las alucinaciones a la realidade virtual. Barcelona: Planeta; Nueva consciencia, 2012.
- MIOOTTO, Marcio Luís. O Problema Antropológico em Michel Foucault. **Tese** (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011, 235 f.
- NARBY, J. **A serpente cósmica**: o DNA e as origens do saber. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.
- PAGNI, P. A. Considerações sobre a educação filosófica no ensino médio e o seu sentido ético-formativo. In: SEVERINO, A. J.; LORIERI, M. A. **O papel formativo da filosofia**. Jundiá: Paco Editorial, 2016.
- PERENCINI, T. B. O Ensino de Filosofia no Brasil: A sua formação discursiva no contexto universitário de 1930 a 1968. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Unesp, Marília, 2015, 163 f.
- PERENCINI, T. B. **Uma arqueologia do ensino de filosofia no Brasil**: formação discursiva na produção acadêmica de 1930 a 1968. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.
- PERENCINI, T. B. Da Filosofia Crítica a crítica da Filosofia Universitária: Provocações a partir da Educação Filosófica. **Revista Digital de Ensino de Filosofia (Refilo)**, v. 4, p. 70-87, 2018.
- PERENCINI, T. B. Tarot como prática possível ao processo de individuação. **Revista Jung Marília**, v. 1, n. 1, p. 10-34, 2018.
- PERENCINI, T. B. Arqueologia e magia. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 35, p. 232-249, 2019.
- PERENCINI, T. B.; GELAMO, R. P. **O “lugar” do conhecimento e da experiência no aprendizado da filosofia**. Marília: Pibic/CNPq, 2011. 70 p.
- PERENCINI, T. B.; GELAMO, R. P. **O Ensino de Filosofia no Brasil**: a recepção e o seu debate nos periódicos brasileiros. Marília: Fapesp, 2013. 177 p.
- PRECIADO, P. B. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- PRECIADO, P. B. Entrevista de Paul Preciado por ocasião do lançamento de seu novo livro: Un apartamento en Urano. Por Ariana Sáenz Espinoza. **Jornal GGN**. 30 jul. 2019. Disponível em: <https://jornalggcn.com.br/analise/entrevista-de-paul-preciado-por-ocasio-do-lancamento-de-seu-novo-livro-un-apartamento-en-urano-por-ariana-saenz-espinoza/>. Acesso em: 01 set. 2020
- RAMEY, J. **Deleuze Hermético**: Filosofía y prueba espiritua. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Las Cuarenta, 2016.

STARHAWK. Magia, visão e ação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 69, p. 52-65, abr., 2018.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, I. Reativar o animismo. **Caderno de Leitura**, nº 62, Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2017.

VEYNE, P. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

*Recebido em: 12 de maio de 2022.
Aprovado em: 28 de maio de 2022.*